



[Atribuição BB CY 4.0](#)

REFLEXÕES SOBRE O FAZER PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS NAS REALIDADES LATINO-AMERICANAS

Caroline Martins de Sousa¹
Elenice Maria Cammarosano Onofre²

Resumo

Este ensaio se configura como uma reflexão sobre o fazer Pesquisa em Educação em Direitos Humanos nas realidades latino-americanas. Procuramos compreender que o fazer pesquisa, na perspectiva das Epistemologias do Sul, é buscar uma investigação de maneira ecológica, trazendo os saberes para as nossas realidades e circunstâncias e sermos críticos à ideia de humanidade homogênea e a tradição eurocentrada. Pensar as realidades latino-americanas na perspectiva da Educação em Direitos Humanos nos inscreve na esteira dos caminhos da educação emancipadora para superar as heranças da colonialidade do saber e do poder. Isso nos remete a um olhar atento, uma escuta atenciosa com as pessoas imersas no processo de fazer pesquisa, além de uma luta coletiva para a garantia dos direitos a todas as pessoas latino-americanas.

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal de São João Del-Rei –UFSJ. Estudante de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico- CNPQ. E-mail: carolinemartinss@yahoo.com.br

² Doutora em Educação Escolar pela Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara - FCL. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Coordenadora do Grupo de Pesquisa EduCárceres/UFSCar - São Carlos. Brasil. E-mail: eleonofre@ufscar.br

Palavras-chave

Pesquisa; Educação; Direitos Humanos.

Recebido em: 30/03/2023

Aprovado em: 10/07/2023

REFLECTIONS ON RESEARCH IN HUMAN RIGHTS EDUCATION IN LATIN AMERICAN REALITIES

Abstract

Abstract: This essay is conceived as a reflection on research in the field of Human Rights Education in Latin American realities. We try to understand that research from the perspective of the Epistemologies of the South means seeking an investigation in an ecological way, bringing knowledge into our realities and circumstances, and being critical of the idea of a homogeneous humanity and the Eurocentric tradition. When we think about Latin American realities from the perspective of Human Rights Education, we are on the path of emancipatory education to overcome the legacies of coloniality of knowledge and power. This leads us to a close look, a careful listening with people immersed in the process of research, and a collective struggle to guarantee the rights of all people in Latin America.

Keywords

Research; Education; Human Rights.

Introdução

Em algum remoto rincão do universo cintilante que se derrama em um sem-número de sistemas solares, havia uma vez um astro, em que animais inteligentes inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais soberbo e mais mentiroso da “história universal”: mas também foi somente um minuto. (NIETZSCHE, 1983, p. 53).)

As reflexões, aqui tecidas, se configuram como uma costura de alguns retalhos que compõem a urdidura do fazer Pesquisa em Educação em Direitos Humanos (EDH) em contextos latino-americanos. Para tal, discutiremos com as Epistemologias do Sul, os conceitos que emergiram de nossos estudos durante a disciplina de *Direitos Humanos, Educação e Pesquisa* do Programa de Pós-Graduação em Educação de uma Universidade pública do estado de São Paulo–SP, bem como as possibilidades de instrumentos de pesquisa que considerem as idiossincrasias que fazem parte dos ambientes investigativos.

Compreendemos as Epistemologias do Sul como os estudos que questionam e dialogam com os saberes que foram suprimidos e apontam a dominação e a colonização sofrida na América Latina. Partindo de Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses (2009), epistemologia refere-se:

Toda a experiência social produz e reproduz conhecimento e, ao fazê-lo, pressupõe uma ou várias epistemologias. Epistemologia é toda a noção ou ideia, refletida ou não, sobre as condições do que conta como conhecimento válido, é por via do conhecimento válido que uma dada experiência social se torna intencional e inteligível. Não há, pois, conhecimento sem práticas e atores sociais (SANTOS; MENESES, 2009, p. 9).

Fazer pesquisa, nessa perspectiva, é investigar e estudar de maneira ecológica, trazendo os saberes para as nossas realidades e circunstâncias. Fazermos uma costura, com todos os fios e pontos, e sermos críticos à ideia de humanidade homogênea, a tradição eurocentrada que subalterniza, as pessoas que não fazem parte do seu padrão de ser humano, arrematando a humanidade em uma única possibilidade de existir: “Com isso, desperdiçou-se muita experiência social e reduziu-se a diversidade epistemológica, cultural e política do mundo” (SANTOS; MENESES, 2009, p. 10).

Essa ideia de humanidade homogênea eurocentrada, partindo do pensamento de Aníbal Quijano é justamente o eixo central da colonialidade do poder e do saber, a ideia de uma raça humana superior, do dualismo homem

branco e homem não branco ou homem europeu e homem não europeu legitimou a colonização e exploração dos povos latino-americanos. Naturalizando a concepção de um saber e de um modo de ser superior aos outros. Tal questão ainda perpetua e deixa marcas em nossos corpos latinos mesmo pós o colonialismo:

A codificação das diferenças entre conquistadores e conquistados na ideia de raça, ou seja, uma supostamente distinta estrutura biológica que situava a uns em situação natural de inferioridade em relação a outros. Essa ideia foi assumida pelos conquistadores como o principal elemento constitutivo, fundacional, das relações de dominação que a conquista exigia (QUIJANO, 2005, p. 117).

Nessa linha de raciocínio a criação da ideia de raça humana é a grande ferramenta de dominação, exploração e por seguinte de manutenção do poder capitalista. De dominação de um povo sobre outros, de manutenção de privilégios de algumas pessoas em detrimento da privação de direitos humanos de uma maioria de pessoas tidas como fora do padrão idealizado pelos colonizadores do poder.

Partindo desse ponto de vista, podemos refletir sobre as divisões Norte e Sul no mapa geográfico que coloca o Norte acima do Sul de modo hierárquico, inferiorizando os que estão abaixo: Quem nos colocou nessa posição? Onde estamos? Somos inferiores? O mapa mente? Ora, a América Latina é um espaço de diversidade onde habitam as pessoas sobreviventes dos povos originários e descendentes dos/as africanos/as escravizados/as, resistentes há anos de colonização e exploração. Resistência indígena, afrodescendente, de mulheres, entre outras, perante a anos de tentativas de aniquilamentos da cultura latino-americana e a uma história que subalterniza os seres humanos que não são brancos, homens, heterossexuais e europeus. Como afirma o pensador Ailton Krenak:

A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade e obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível. Esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra, uma certa verdade, ou uma concepção de verdade, que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história (KRENAK, 2020, p.11).

A cultura do Norte também foi priorizada, durante muito tempo, pela prática educacional, reproduzindo e reforçando as desigualdades presentes em

nossa sociedade latino-americana. No entanto, *os ventos do Norte não movem moinhos*, mesmo que seja por *caminhos tortos*, *o que importa é não estar vencido*³. Presenciamos na atualidade, as escolas sendo convidadas a enfrentar o eurocentricismo, se abrindo para a diversidade cultural, trazendo as diferentes culturas e modos de existir para a sala de aula. No entanto, cabe ressaltar, essa problemática nem sempre é uma realidade, ainda temos um grande desafio para abrir espaços que garantam que as questões em torno das diversidades se costurem verdadeiramente aos conteúdos escolares. Partindo do Vera Maria Candau e Antonio Flavio Barbosa Moreira:

O principal propósito, acrescentamos, é que o docente venha a descobrir outra perspectiva, assentada na centralidade da cultura, no reconhecimento da diferença e na construção da igualdade. Esperamos, assim, formar educadores que atuem como agentes sociais e culturais a serviço da construção de sociedades mais democráticas e justas (CANDAU; MOREIRA, 2003, p.167).

Sendo assim, não estamos vencidos, mas seguimos na luta, rompendo os *tratados, os ritos e as lanças*⁴ das concepções de humanidade universal. O nosso *sangue é latino* e os mundos nos quais cada um de nós vivemos diferem muito. Somos todos seres humanos, mas diferentes. A pluralidade dos modos de ser humano se deve justamente à multiplicidade dos mundos, ou das conjunturas, nos quais tecemos nossa existência. Dessa maneira, se o mundo é parte constitutiva do ser humano, logo, as diferenças de mundos sugerem, também, diferenças no ser humano. Pesquisar Educação em Direitos Humanos nos contextos latino-americanos é exercitar a alteridade, pensando no nosso mundo de singularidades e diferenças passíveis de coexistências harmoniosas. É um encontro com a pluralidade. Além disso, é na convivência, no fazer com as outras pessoas, que construímos os nossos estudos em Educação e Direitos Humanos.

O caminhar da pesquisa: Um galo sozinho não tece uma manhã

*Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem*

³ Referência a música *Sangue Latino* de Ney Matogrosso.

⁴ Referência a música *Sangue Latino* de Ney Matogrosso.

*os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.
(João Cabral de Melo Neto)*

Assim como no poema de João Cabral, um galo sozinho não tece uma manhã, uma pesquisa em EDH também não se constrói somente pelo caminhar solitário do/a pesquisador/a ou por seu único enquadramento de mundo. Esse caminhar convoca sempre outros “galos” e um olhar por outros ângulos e janelas que possam interagir verdadeiramente com a comunidade ou ambiente onde se pretende realizar a pesquisa. Como diz Danilo R. Streck, “pesquisar é interação múltipla de sujeitos: pesquisar é um ato de conhecer o que acontece entre sujeitos, um movimento que reflete a vida e gera vida” (STRECK, 2006, p.270).

Dessa forma, pensar o processo da pesquisa em Educação em Direitos Humanos assentado na perspectiva do autor supracitado, implica em ir além dos métodos já prontos, definidos e solitários, nos provocando a caminhar buscando contribuições para a transformação social e se entrelaçando a multiplicidade presente em torno da atmosfera da pesquisa. Assim, a atuação do/a pesquisador/a envolve uma mediação entre as bases teóricas das metodologias e o ambiente da pesquisa como também nos mostra Streck: “Metodologia, é aqui entendido como o conjunto de procedimentos e instrumentos que permitem a aproximação a essa realidade” (STRECK, 2006, p. 274).

Cabe ressaltar, que os pressupostos epistemológicos da pesquisa são cruciais nesta jornada, mas não as conjecturas positivistas que enquadram a todos os seres humanos em uma única forma de existir, que fecham os olhos para aquilo que não querem ver, olhando sempre por um único ângulo e por uma única janela. Ora, os processos de pesquisas em Educação em Direitos Humanos são dinâmicos, com múltiplos sujeitos em contínuas transformações. As epistemologias precisam ser nossas aliadas e não atropelar a nossa realidade e o ambiente da pesquisa, visto que, existem diferentes formas de ver, sentir e ouvir o mundo:

Nós ficamos tão perturbados com o desarranjo regional que vivemos, ficamos tão fora do sério com a falta de perspectiva política, que não conseguimos nos erguer e respirar, ver o que importa mesmo para as pessoas, os coletivos e as comunidades nas suas ecologias (KRENAK, 2020, p. 23).

Dito isso, podemos afirmar que a travessia da pesquisa depende da articulação entre as forças criativas e vivas (dionisíacas) e as forças harmônicas

das bases teóricas (apolíneas). Com licença a Friedrich Nietzsche (1844 – 1900), fizemos uma analogia: as epistemologias da pesquisa são as forças apolíneas e a prática as forças dionisiacas. Partindo da mitologia grega, forças dionisiacas (deus Dionísio) são aquelas que representam o inesperado, a embriaguez, o caos, a falta de medida, a paixão. Já as forças apolíneas (deus Apolo) remetem à razão, à beleza padrão, às linhas retas e perfeitas.

Nessas articulações temos o ambiente da pesquisa como primordial. Assim, cabe a quem investiga habitar essa realidade, observar, interagir e criar vínculos com as pessoas em suas circunstâncias, procurando interpretar como essa realidade afeta os sujeitos da pesquisa e deixar-se afetar por ela também, compartilhando e vivenciando as experiências do processo da pesquisa, visto que, “A realidade não é um corpo morto a ser seccionado e dissecado, mas tem vida, alma” (STRECK, 2006. p. 270). Assim, um/a pesquisador/a não tece uma pesquisa sozinho/a, mas em uma relação viva de coo-pertinência entre o mundo e os outros sujeitos envolvidos nesse processo.

O caminhar da pesquisa: um fazer de escuta e olhar atento

*Casa da palavra
Onde o silêncio mora...
Hora da palavra
Quando não se diz nada
Fora da palavra
Quando mais dentro aflora
(Milton Nascimento e Caetano Veloso)*

A nossa reflexão em torno da pesquisa em EDH nos leva a pensar que na ação de pesquisar e estudar não há paralelos de latitude e longitude traçados, não há um caminho já definido. Mas, sim uma interrogação aberta e disposta para ouvir e ver o fenômeno interrogado é um estar aberto a outrem. O fazer pesquisa em EDH nos contextos latino-americanos nos convida a caminhar em silêncio, a oferecer os ouvidos, o olhar atento, a romper com o já pronto e definido. Como nos ensina Paulo Freire: “Estudar é uma forma de reinventar, de recriar, de reescrever, tarefa de sujeito e não de objeto” (1981, p.10).

Nessa travessia, não há um mapa pronto escondido nas velhas estantes da *Educação Bancária*, mas ao contrário, tecer uma jornada envolve o não saber para aonde ir, além disso, pode ser justamente essa peregrinação em torno do desconhecido que abrirá possibilidades para ouvir, ver e sentir novas maneiras de compreender o mundo e de caminhar. Partindo de Freire:

Isto é, precisamente, o que a “educação bancária” não estimula. Pelo contrário, sua tônica reside fundamentalmente em matar nos educandos a curiosidade, o espírito investigador, a criatividade. Sua “disciplina” é a disciplina para a ingenuidade em face do texto, não para a indispensável criticidade (FREIRE, 1981, p.10).

Nessa jornada sem cartilhas, o que temos de antemão é a escuta e o olhar atento a outrem e imersos nesse processo os nossos questionamentos e a escuta de novos caminhos podem vir à tona. Não temos dúvida da importância dos pressupostos epistemológicos da pesquisa, mas precisamos tematizar que a nossa atuação vai para além das grades acadêmicas, os processos de pesquisas são dinâmicos, com múltiplos sujeitos em contínuas transformações. As epistemologias precisam ser nossas companheiras. Costurando as forças apolíneas às forças dionisiacas, como expõe Freire:

Estudar é também e sobretudo pensar a prática e pensar a prática é a melhor maneira de pensar certo. Desta forma, quem estuda não deve perder nenhuma oportunidade, em suas relações com os outros, com a realidade, para assumir uma postura curiosa. A de quem pergunta, a de quem indaga, a de quem busca (FREIRE, 1981, p.11).

Um caminhar atrelado tanto às forças dionisiacas quanto às forças apolíneas deve buscar habitar o ambiente em que o estudo acontece. Habitar o espaço da pesquisa/prática é estar aberto e preparado para receber e perceber o inesperado das forças dionisiacas. É também dedicar-se a outrem, em uma abertura e disposição para ver e ouvir o outro, é um exercício de silenciamento de si mesmo/a: “O silêncio na pesquisa não é uma técnica é como que o sacrifício do eu na entrevista que pode trazer como recompensa uma iluminação para as ciências humanas como um todo” (BOSI, 2003, p. 65).

Em uma perspectiva heideggeriana, o que acalma “o moinho de palavras e citações”, ou o que possibilita “sair da caverna de Platão”⁵, é a outra possibilidade da fala: o *Silêncio*. Este é a maneira que o mundo nos fala sobre o Ser das coisas e de nosso Ser, é a escuta atenciosa do momento em que o mundo se instaura, é escutar o Ser que se encontra velado na superfície do cotidiano, ou nas sombras da Caverna de Platão. Assim, é através deste silêncio que ganhamos uma escuta e uma convivência verdadeira com outrem. Mas, podemos ouvir e ver o fenômeno pesquisado da mesma forma?

⁵ Analogia a Alegoria da Caverna de Platão.

Consideramos, aqui, que no Caminhar da Pesquisa em EDH existem diferentes formas de ver, sentir e ouvir o fenômeno, pois, nessa travessia, dificilmente alcançaremos a verdade universal pregada pelas epistemologias eurocentradas que consideravam a possibilidade de chegarmos à totalidade do Ser. Na nossa perspectiva, o que percebemos é uma possibilidade de determinação do Ser, a essência do fenômeno (daquilo que pesquisamos) está no seu acontecimento de ser, na experiência do vivido. Nesse processo cada pesquisador/a pode olhar e ouvir uma determinação do Ser (fenômeno estudado). Isso porque, os valores, o tempo histórico e a pré-compreensão do sujeito fazem parte dessa construção, assim temos uma intersubjetividade, visto que a existência do/a pesquisador/a se entrelaça a dos/as outros/as ao seu redor. Assim, quem pesquisa é um sujeito com uma história e um contexto. Partindo de Brandão: “Vivemos um tempo em que a razão de ser de buscar saberes está na interação entre saberes, e no diálogo entre pessoas” (BRANDÃO, 2014. p.12). Além disso,

Sempre um outro é o sujeito de minha pesquisa e o companheiro do meu saber. A pesquisa solitária que serve apenas ou com prioridade a “mim mesmo”, “à minha progressão de carreira”, ao “meu currículo” e em síntese, ao ilusório engrandecimento de “meu nome” é uma anomalia que não raro infecta o universo da academia e que deveria dar lugar a atividades de partilha de serviço ao outro, mesmo que “em meu nome” (se eu não puder me livrar dele) (BRANDÃO, 2014, p.13).

Sendo assim, na nossa perspectiva, uma ação de pesquisar e estudar em EDH, que não se relaciona com o mundo em que vive o fenômeno buscado, será uma ação alienada, pois, não considera as idiossincrasias e pluralidades do espaço em que se insere. Além disso, aliena o/a pesquisador/a de si mesmo/a, visto que o espaço é parte constitutiva do seu ser. “Infelizes os que não podem contemplar a realidade de seu mundo, a não ser olhando para fora (e às vezes também dentro) desde um único lugar e através de uma única janela” (BRANDÃO, 2014, p. 15).

Possibilidade metodológica no fazer pesquisa em EDH: Rodas de Conversa

Propomos como uma das possibilidades metodológicas no fazer pesquisa em EDH nas realidades latino-americanas as Rodas de Conversa, que partindo

das autoras Adriana Ferro Moura e Maria Glória Lima, a Roda de Conversa trata-se de:

A roda de conversa é, no âmbito da pesquisa narrativa, uma forma de produzir dados em que o pesquisador se insere como sujeito da pesquisa pela participação na conversa e, ao mesmo tempo, produz dados para discussão. É, na verdade, um instrumento que permite a partilha de experiências e o desenvolvimento de reflexões sobre as práticas educativas dos sujeitos, em um processo mediado pela interação com os pares, através de diálogos internos e no silêncio observador e reflexivo (MOURA; LIMA, 2014, p. 2).

Assim, com a ferramenta das Rodas de Conversa, buscamos uma tessitura coletiva, nessa partilha não há espaço para relações hierárquicas, pois a compreensão é compartilhada, vivenciamos juntos as experiências que brotam das Rodas. Esse momento requer uma abertura para ver e ouvir outrem, é um exercício de alteridade. Dessa forma, nessa estratégia de fazer pesquisa, existe a participação dos/as envolvidos/as na pesquisa, nossos/as participantes não são meros/as espectadores/as, mas se posicionam no mesmo nível dos elementos humanos que compõem o fenômeno investigado. Ainda partindo de Juliana Sampaio, Gilney Costa Santos, Marcia Agostini e Anarita de Souza Salvador a Roda de Conversa trata-se de:

Como dispositivos de construção dialógica, as rodas produzem conhecimentos coletivos e contextualizados, ao privilegiarem a fala crítica e a escuta sensível, de forma lúdica, não usando nem a escrita, nem a leitura da palavra, mas sim a leitura das imagens e dos modos de vida cotidianos. Elas favoreceram o entrosamento e a confiança entre os participantes, superando a dicotomia: sujeito objeto. [...] Desse modo, a roda é viva, está “situada” no tempo histórico-social, isto é, entre as realidades objetiva e possível. Ela propõe a reflexão crítica, rejeita comunicados e impulsiona o diálogo, assumindo os riscos, desafios e mudanças como fundamentos de uma educação problematizadora/libertadora (SAMPAIO, et al., 2014. p. 3).

O fazer pesquisa em EDH pede um rompimento com as grades eruditas das teorias, não no sentido de abandono, mas de abrir possibilidades para uma escuta atenta às pessoas envolvidas na pesquisa, que por diversos momentos de suas existências tiveram os seus direitos violados. Assim, não é falar para elas, mas a partir e com elas, buscando mobilizar os interesses dos sujeitos, em um movimento dialógico.

As Rodas de conversa são uma das possibilidades de ferramenta de investigação, os desafios da tarefa de pesquisa em contextos latino-americanos

existem, porém, somente “sentar e esperar” pelas Políticas Públicas⁶ não resolverá nada. Ora, a nossa sociedade, na maioria das vezes, fecha os olhos e tampa os ouvidos perante as violações dos direitos de boa parte dos seres humanos, negam o direito de outrem existir de forma digna. Somos todos os coautores ou meros expectadores dessa negação? O que podemos fazer desde a nossa circunstância? Como afirma Brandão: “E o direito-dever de sermos nós próprios os criadores de nossos direitos, de nossas leis, de nossas constituições e dos critérios de valor da vida e de sua qualidade” (BRANDÃO, 2005, p. 41).

Reflexões que não se encerram...

A qualidade de vida está na forma como participamos e nos sentimos participantes do mistério de toda a vida: dentro de nós, entre nós e à nossa volta, por toda a parte (BRANDÃO, 2005, p.32).

As reflexões acima podem apontar possíveis caminhos para pensarmos nas questões em torno do fazer pesquisa em Educação em Direitos Humanos nas realidades latino-americanas. Oferecendo pistas para lutarmos sempre com outrem pelo respeito às nossas dignidades, o desrespeito que acomete a uma pessoa precisa afetar a todos. A nossa luta precisa ser diária: “Ao denunciar a opressão, não esperamos que as elites dominadoras renunciem à sua prática. Seria ingênuo. A libertação autêntica, é práxis, que implica na ação e na reflexão das pessoas sobre o mundo para transforma –lo” (FREIRE, 1987, p. 38). Ora, as elites não querem perder os seus privilégios, situações de opressão não podem ser esquecidas, precisam estar na memória coletiva, na nossa luta constante pelo respeito as dignidades de todos os seres temos de conquistar os nossos direitos cotidianamente. Além disso, nossas posturas, enquanto educadoras e pesquisadoras, precisam ser éticas e políticas, motivadas pela ideia de tornar essa vida melhor. Mais do que buscar novas respostas ou culpados/as pelos desrespeitos aos nossos direitos, é exercitar a nossa participação nos acontecimentos que assolam o nosso país.

As pessoas que participam da nossa pesquisa, têm suas histórias, têm rosto, raça, classe social, gênero, trajetórias de vida que se cruzam, muitas vezes, pela negação dos direitos mais básicos da existência. Marcadas por uma história

⁶ Basicamente, trata-se das atividades, diretas ou delegadas, dos governos direcionadas para a melhoria da qualidade de vida da população.

coletiva tecida de geração em geração, carregam no corpo e na alma a personificação das diversas negações vivenciadas por seus antepassados, revelando, assim, que em alguns retalhos da pesquisa em EDH teremos uma dupla, tripla, diversas dimensões do desrespeito aos direitos humanos. Por exemplo, as mulheres privadas de liberdade, na maioria das vezes, enfrentam o estigma do analfabetismo, da pobreza, do gênero, da cor da pele e do encarceramento. Sofrem por estarem em um espaço que não foi construindo para o universo feminino, compartilham as experiências de existirem em uma sociedade patriarcal com suas histórias de vida que se entrelaçam pela dificuldade de sobrevivência, e o descuido de uma sociedade que fecha os olhos para aqueles que não tiveram oportunidades de estudar, e muitas vezes nem mesmo condições para alimentar a si e aos filhos. A dor das esquecidas, excluídas, rejeitadas e trancafiadas em celas, enfrentando, muitas vezes, uma punição que se estende da privação de liberdade para a privação de seus Direitos Humanos.

Dito isso, como podemos tecer retalhos diferentes diante dessa colcha arrematada por tantos pontos de descuido em nosso país? Como pensar em um fazer pesquisa que respeite as pessoas descuidadas em várias instâncias da existência: excluídas de laços familiares, da escola, do emprego, da saúde, da cultura, da política e da economia?

Não temos novos pontos para tecer as respostas, mas pensamos que, colocar os Direitos Humanos em prática não é fazer caridade. Embora com toda a marca do descuido, o público das nossas pesquisas (as pessoas excluídas, que estão às margens e não têm os seus direitos garantidos) não são pessoas inferiores/menores, são seres humanos que habitam e compartilham o mesmo mundo que nós e devem ter os seus direitos garantidos e respeitados. Pensamos em um fazer pesquisa que respeite as singularidades dos espaços, escutando as pessoas, caminhando para uma educação emancipadora que supere os legados da colonialidade dos saberes e do poder. Essa tarefa nos convoca para uma luta coletiva na busca de conquistar e garantir os direitos de todas as pessoas latino-americanas. A lutar por uma descolonização da sociedade: “Conseqüentemente, é tempo de aprendermos a nos libertar do espelho eurocêntrico onde nossa imagem é sempre, necessariamente, distorcida. É tempo, enfim, de deixar de ser o que não somos” (QUIJANO, 2005, p. 139).

Ainda temos um longo caminho a traçar para garantir os direitos de todos e todas, buscando uma cooperação entre aqueles/as que lutam em favor de um

país mais justo e humano, afinal pesquisamos para o que e para quem? Se for por mero ego, com uma postura narcisista, servirá para a transformação da nossa realidade? Queremos contribuir para perpetuar as desigualdades já existentes em nosso país? Acreditamos que, antagonicamente a esse último questionamento, o que desejamos é caminhar com os/as demais pesquisadores/as na luta e resistência em favor de um país mais justo que respeite os direitos de todas as pessoas latino-americanas de existirem de forma digna. Além disso, é na partilha, no fazer com as outras pessoas que construiremos os nossos estudos e vida: “A qualidade de vida não é uma conquista pessoal que se alcança por meio de atos de competência e competição. Ela é uma construção social que se edifica por meio de gestos solidários de livre corresponsabilidade e de amorosa partilha” (BRANDÃO, 2005, p. 38).

Referências

BOSI, Ecléa. Sugestões para um jovem pesquisador. In: _____. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê, 2003, p. 59-67.

BRANDÃO, Carlos R. Prefácio. In: OLIVEIRA, Maria W.; SOUSA, Fabiana R. (org.). **Processos educativos em práticas sociais: pesquisas em educação**. São Carlos: EdUFSCar, 2014. p.11-18.

_____, Carlos Rodrigues. Qualidade de vida, vida de qualidade e qualidade da vida. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Canção das Sete Cores: educando para a paz**. São Paulo: Editora Contexto, 2005, p. 29-72.

CANDAU, V. M.; MOREIRA, A. F. B. Educação escolar e cultura (s): construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, nº 23, p. 156-168, maio/jun/jul/ago, 2003.

FREIRE, Paulo. Considerações em torno do ato de estudar. In: _____. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. p. 9-13.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 23-28.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MATOGROSSO, Ney. **Sangue Latino**. Letras. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/ney-matogrosso/47736/>. Acesso em: 04 fev. 2023.

MELO NETO, João Cabral. Tecendo a manhã. In: _____. **Jornal de Poesia**. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/joao02.html>. Acesso em: 04 fev. 2023.

MOURA, Adriana Ferro; LIMA, Maria Glória. A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**. João Pessoa, v.23, n.1, p. 98-106, 2014.

NASCIMENTO, Milton. **A Terceira Margem do Rio**. Letras. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/milton-nascimento/808210/> Acesso em 04 mar. 2023.

NIETZSCHE, Friedrich. Sobre a Verdade e Mentira no sentido Extra-Moral. In: Nietzsche. **Os Pensadores**. São Paulo: Ed. Abril, 1983.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: QUIJANO, Anibal. **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

SAMPAIO, Juliana; SANTOS, Gilney Costa; AGOSTIN, Marcia; SALVADOR, Anarita de Souza. Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado em saúde: uma experiência com jovens no sertão pernambucano. **Interface**, comunicação saúde educação. 2014; 1299-1312. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/dGn6dRF4VHzHqJyXHNSZNND/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 08 out. 2021.

SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. Introdução. In: SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. **Epistemologias do sul**. Coimbra: Almedina/ CES, 2009.

STRECK, Danilo R. Pesquisar é pronunciar o mundo: notas sobre método e metodologia. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo R. (Orgs.). **Pesquisa participante**: o saber da partilha. Aparecida, SP: Ideias e Letras. 2006. p. 259-276.